

VITÓRIA PINTO DE ANDRADE

**PERSPECTIVA DE GÊNERO NA ENGENHARIA AGRONÔMICA: DESAFIOS E
ESTRATÉGIAS DAS DISCENTES NA UFS CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO.**

São Cristóvão – SE

Outubro - 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS

CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS APLICADAS – CCAA

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA AGRONÔMICA – DEA

**PERSPECTIVA DE GÊNERO NA ENGENHARIA AGRONÔMICA: DESAFIOS E
ESTRATÉGIAS DAS DISCENTES NA UFS CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO.**

**Monografia apresentada ao Departamento de
Engenharia Agrônômica – Universidade Federal
de Sergipe, como requisito parcial para obtenção
do título de Engenheiro Agrônomo.**

APROVADO em: 11/10/2023

ORIENTADO: Vitória Pinto de Andrade.

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Schervinski Villwock
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Renata Silva Mann
(Banca examinadora)

Prof^a. Dr^a. Itamara Bomfim Gois
(Banca examinadora)

Dedico este trabalho a todas as mulheres do Departamento de Engenharia Agrônômica.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo a todas as discentes mulheres do Departamento de Engenharia Agrônômica da UFS, campus São Cristóvão que contribuíram para que essa pesquisa fosse realizada, a elas o meu agradecimento por terem compartilhado as suas vivências.

Agradeço a Deus pelo privilégio do dom da vida e por me dar discernimento ao longo da minha jornada acadêmica. A minha família desempenhou um papel fundamental em meu caminho acadêmico. A meus pais, Josivalma e Valter, agradeço por seu amor incondicional e apoio constante. Aos meus irmãos, Mônica e Robson, meu sincero agradecimento pelo incentivo e crença em meu potencial.

Estendo meus agradecimentos a todos que de certa forma contribuíram para a conclusão desse trabalho, a todos os meus professores que moldaram a minha educação. Em especial a minha orientadora Prof.^a Dra. Ana Paula, a qual merece meu reconhecimento por seu conhecimento compartilhado, pelas oportunidades, parceria, incentivo e paciência demonstrada, a ela meu muito obrigado.

Uma frase que sempre digo é que quem tem amigo tem tudo, por isso não poderia deixar de agradecer a eles que sempre me apoiaram e incentivaram. Agradeço a quem comigo veio todas as manhãs no busu da 002, Isabela Silva (Xexe) e João Pedro (Peu) por aturar meu humor matinal.

Aos que comigo estiveram durante essa trajetória em especial a “galera do pântano” Ana Paula, Adson, Clara, David Wesley (que sempre me tirou as risadas mais sinceras), Felipe, Jackson, Luan Victor e Samuel por toda parceria e por deixar ainda mais leve todo processo vivido, sem vocês a faculdade não teria graça. Estendo meu agradecimento também a Jaine pela parceria, e a “galera do dominó” do moura raiz por cada partida descontraída.

Não poderia deixar de agradecer ao pessoal do GEDRUFS por todo ensinamento e contribuições valiosas, em especial as meninas que muito me ajudaram nessa pesquisa, Emilly, Ysa, Letícia e Itamara, minha gratidão por enriquecerem na minha contribuição acadêmica.

Explano minha gratidão também a Valério, funcionário do moura raiz por mudar minha manhã com um simples bom dia, um sorriso no rosto e um “misto quente no capricho”.

Ao meu parceiro Dau deixo minha gratidão, por escutar todos os meus surtos sem nem mesmo saber o que fazer, por catar inseto para minha caixa entomológica e por sempre ter me ajudado e me incentivado a cada passo da minha graduação, obrigado por sempre ter acreditado em mim.

A todos mencionados e a tantos outros que compartilharam essa jornada comigo, meu mais sincero agradecimento. Sem vocês, a faculdade não teria sido a mesma.

“Ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher. O “ser mulher” é uma construção social e cultural”

Simone de Beauvoir

RESUMO

A inserção da mulher na engenharia agrônômica aconteceu tardiamente no Brasil, pois, por anos o curso foi direcionado à figura masculina. Assim, a presença feminina nesse curso vem crescendo, contudo, pouco é discutido sobre o processo que as mulheres vivenciam nesta trajetória durante o curso, os desafios com os quais se deparam e as estratégias que adotam para enfrentá-los. Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi analisar os desafios enfrentados e as estratégias de enfrentamento adotadas pelas discentes do curso de Engenharia Agrônômica da Universidade Federal de Sergipe - Campus São Cristóvão dentro da Universidade. Para isso a pesquisa foi de caráter quanti-qualitativo, com levantamento bibliográfico e coleta de dados por meio de formulário eletrônico com as discentes mulheres do curso de engenharia agrônômica da Universidade Federal de Sergipe - UFS, Campus São Cristóvão, que estavam com a matrícula ativa no ano referente a pesquisa. Os dados coletados foram submetidos a estatística descritiva e análise de conteúdo. Os resultados encontrados mostram que as discentes enfrentam uma série de desafios ao longo da sua carreira graduação, quando perguntadas se enfrentam desafios por serem mulheres na Engenharia Agrônômica, 83,87% afirmaram que sim, sendo eles: resistência familiar, masculinização da profissão expressa pela predominância masculina no curso, falta de oportunidades no mercado de trabalho, desconfiança à presença da mulher na profissão; falta de representatividade e apoio do departamento de engenharia agrônômica. Além disso, foi relatada a falta de discussão sobre a temática gênero dentro do departamento e a falta de um local de apoio neste onde assuntos como esse possam ser debatidos e resolvidos. Como estratégias, foi observado nas entrevistas a importância da representatividade feminina. A maioria das discentes (87,1%) julgou que há representação feminina no curso de Engenharia Agrônômica no Campus São Cristóvão. Embora o número de docentes no curso seja inferior, o impacto que essas mulheres têm sobre as discentes do curso de engenharia agrônômica é significativo para elas. Além disso, estratégias como a sororidade, a promoção de debates e pesquisas sobre gênero, bem como a realização de eventos que reúnam mulheres na agronomia, são cruciais para promover a igualdade de gênero e criar um ambiente acadêmico mais inclusivo e equitativo. A união das mulheres e o fortalecimento dessas estratégias são essenciais para alcançar um futuro mais igualitário e empoderado. Por fim, salienta-se a importância de pesquisa relacionada a essa temática que contribuam a valorização e a representação da mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Graduação; Agronomia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Período da graduação em que se encontram as discentes mulheres do curso de Engenharia Agrônômica na UFS – Campus São Cristóvão.	21
Figura 2 - Autodeclaração de heteroidentificação das discentes mulheres do curso de Engenharia Agrônômica na UFS – Campus São Cristóvão.	22
Figura 3 - Engenharia Agrônômica como opção de curso	24
Figura 4 - Desafio em relação a ser mulher graduanda em Engenharia Agrônômica na UFS campus São Cristóvão.	27
Figura 5 - Questionamento sobre a presença feminina dentro da profissão	33
Figura 6 - Representatividade feminina no curso de engenharia agrônômica na UFS campus São Cristóvão.	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFS	Universidade Federal de Sergipe
DEA	Departamento de Engenharia Agrônômica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 O machismo estrutural arraigado na sociedade	12
2.2 Masculinização da Agronomia: perspectiva da história da inserção das mulheres na profissão até os dias atuais.....	15
3. METODOLOGIA.....	19
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	21
4.1. Ser mulher em um curso historicamente masculinizado: quais os desafios?	23
4.2. As perspectivas das discentes para o mercado de trabalho	29
4.3 Representatividade feminina e estratégias para a equidade de gênero na Engenharia Agrônômica.	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
APÊNDICE A – PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO APLICADO AS DISCENTES.....	45

1. INTRODUÇÃO

A mulher por muitos anos foi excluída da possibilidade de se inserir no curso de Engenharia Agrônômica, pois os primeiros cursos que se instalaram no Brasil eram direcionados para os homens (SOSTER, 2015), contribuindo assim, para que a inserção das mulheres a essa profissão acontecesse tardiamente. Contudo, as mulheres estão cada vez mais se inserindo em áreas que por muitos anos foram julgadas como masculinas, como é o exemplo da agronomia (HARTMANN, 2018).

Ademais, no presente momento há um alto número de inserção de mulher no contexto das Universidades brasileiras. Dados de alunos das universidades brasileiras mostram que as mulheres já representam a maior fração entre os estudantes matriculados. De acordo com o *World University Rankings* (2022), a Universidade Federal de Sergipe – UFS possui uma proporção maior de mulheres ingressantes do que homens, 52% e 48%, respectivamente.

Contudo, apesar da inserção das mulheres no meio acadêmico e dos altos níveis de conhecimento da sociedade atual, as mulheres ainda vivenciam reflexos de desigualdade de gênero e se encontram em menor número dentro das universidades na área das ciências agrárias. A entrada das mulheres em profissões marcadas pela presença majoritária masculina não representou uma transformação integral da diferença de espaço entre o homem e a mulher (CHIES, 2010). Dentro desse panorama a mulher ainda se depara com a desvalorização e a discriminação do seu trabalho.

Nessa perspectiva, a pesquisa nasceu do desconhecimento da realidade enfrentada pelas discentes que cursam Engenharia Agrônômica na Universidade Federal de Sergipe - Campus São Cristóvão e da escassa discussão sobre gênero dentro do Departamento de Engenharia Agrônômica - DEA. É evidente que as mulheres enfrentam inúmeros desafios em áreas masculinizadas pela sociedade, da variação salarial à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual (DEL PRIORE, 2004), mas cabe à pesquisa identificá-los e analisá-los dentro da universidade.

Durante séculos, a história da mulher foi contada de uma óptica masculina consciente ou inconscientemente tendenciosa (VILLWOCK; GERMANI; RONCATO, 2016), mas nesta pesquisa elas serão protagonistas. Através de entrevistas com as discentes do departamento, busca-se a responder a seguinte pergunta de pesquisa: “Quais os desafios vivenciados pelas discentes na graduação em Engenharia Agrônômica e quais as estratégias de enfrentamento adotadas por elas dentro da Universidade”? Com isso, o trabalho objetivou analisar os desafios enfrentados e as estratégias de enfrentamento adotadas pelas discentes do curso de Engenharia

Agronômica da Universidade Federal de Sergipe - Campus São Cristóvão dentro da Universidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O machismo estrutural arraigado na sociedade

Desde os primórdios, a referência feminina na sociedade está relacionada a funções domiciliar, que incluíam cuidar da casa e dos filhos. “Todo mundo sabe que a mulher sempre foi discriminada, nunca teve as mesmas oportunidades asseguradas aos homens. Nossa cultura patriarcal gerou uma sociedade machista, em que a mulher ocupava um papel subalterno” (DIAS, 2004, p.20). Isso, se relaciona com as teorias do patriarcado, ao qual delimita que homens exercem atividades primárias se destacando em funções de liderança, tendo o domínio da casa e domínio sobre a mulher, e a mulher tornou – se uma ferramenta de reprodução e com funções voltadas para o lar (RESENDE et al, 2021).

No meio rural é notoriamente visto as consequências desse sistema, pois os perfis tradicionais se mantêm fortes e a ruptura das relações sociais tendem a ser mais complexas (DORNELA; MENEZES, 2017), o que acarretou o fortalecimento do preconceito por parte da sociedade ao qual o trabalho da mulher no âmbito rural não tem o devido reconhecimento, seja ele como agricultora ou como profissional das ciências agrárias.

[...] as agricultoras, ao mesmo tempo que têm grande participação na produção agrícola, principalmente na de alimentos, seu trabalho tem pouca visibilidade nas estatísticas oficiais e elas formam um dos grupos mais esquecidos pelas políticas públicas (BRUMER E PAULILO, 2004, p.171).

Nessa perspectiva, do trabalho feminino ser pouco favorecido, surge o debate sobre gênero, referenciado como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos - uma forma primária de significar as relações de poder”. (SCOTT, 1991, p.86). Nesse panorama, fica visível o machismo enraizado culturalmente na sociedade onde a figura feminina era vista como objeto para os homens e se tornou como uma sombra da figura masculina. Por mais que as mulheres estejam cada dia mais presentes em diversos âmbitos de trabalho, ainda assim o trabalho da mulher é considerado como um pequeno complemento ou ajuda para o dos homens, muitas vezes pela separação de que os trabalhos mais leves e de menor significância serem deixados para elas.

Nesse âmbito, é que entra em pauta a análise e discussão da divisão sexual do trabalho, onde afazeres considerados “leves” são realizados por mulheres e aqueles que necessitam de mais força física são para os homens. Essa divisão é fundamentada na sociedade pelo fato de que “é a sociedade que coloca obstáculos à realização plena da mulher” (SAFFIOTI, 1976, p. 21).

Contudo, sabe-se que a mulher pode realizar tarefas que são designadas para o homem, como confirmam Brumer e Paulilo (2004, p.211): “a mulher executa tanto trabalhos leves como trabalhos pesados, como: trabalhar na colheita dos produtos agrícolas, carregar os filhos e buscar água em lugares distantes do domicílio”. No entanto, por mais que a participação feminina seja indispensável, ainda assim é pouco reconhecida, pois, assim como no meio rural, os trabalhos ditos como “pesados” são hereditariamente realizados pela presença masculina, excluindo muitas vezes a possibilidade das mulheres estarem presentes na realização destes. Portanto, verifica-se nos dias atuais, que há a continuidade da divisão sexual do trabalho, principalmente quando seguem uma carreira que é historicamente masculinizada, enfrentando o machismo arraigado na categoria profissional (UCHÔAS; GUIMARÃES, 2020).

Assim, nota-se que no mercado de trabalho a mulher vivencia desigualdade e discriminação. A busca por igualdade de gênero e justiça no ambiente de trabalho tem sido uma jornada longa e complexa. Desde os primórdios que as mulheres enfrentam lutas para garantir seu lugar no âmbito trabalhista. O marco da inserção das mulheres no mercado de trabalho foi a revolução industrial no século XIX, um período de transformações significativas na sociedade. Mesmo nessa época, onde o trabalho se intensificou devido às mudanças industriais, o objetivo da mulher ao sair de casa não era a independência, mas sim se tornar um ser submetido aos imperativos do capitalismo emergente (GIRALDELLI, 2007). Ou seja, a motivação das mulheres que entraram no mercado de trabalho era influenciado pelo contexto da época, e sua entrada estava relacionada a necessidade de complementar a renda de suas famílias, elas não saíam de casa com o objetivo de alcançar independência financeira ou empoderamento pessoal, como pode ser o caso em épocas posteriores, mas, em vez disso, buscavam atender aos imperativos do capitalismo emergente.

Desde então, por mais que a atuação feminina tenha passado por alterações importantes, reflexo de mudanças demográficas e sociais, aumento nos índices de escolaridade e desenvolvimento econômico (CIELO; WENNINGKAMP; SCHMIDT, 2014), ainda assim os desafios e as oportunidades que essas mulheres enfrentam para se inserir ao mercado são pouco discutidos e ocultos da sociedade.

“As discriminações historicamente e culturalmente construídas, permanecem arraigadas no seio da sociedade tornando o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho um verdadeiro enfrentamento de preconceitos, discriminações e constantes desafios.” (FONSECA, 2015, p.93).

De acordo com pesquisas do RASEAM (Relatório Anual Socioeconômico Sobre a Mulher), no ano de 2012 a taxa de atividades das mulheres era crescente em 64,2 %, mas ainda é um número inferior à taxa de atividade dos homens que era de 86,2%. (FONSECA, 2015). Além disso, segundo dados das Estatísticas de Gênero (IBGE, 2019), do total da população ocupada que são trabalhadores por conta própria corresponde a 25,8%, onde 29,6% eram homens e 20,8% eram mulheres. Ademais, além de ser minoria no mercado, as mulheres sofrem com a discrepância salarial, o IBGE conclui que “as mulheres seguem recebendo cerca de $\frac{3}{4}$ do que os homens recebem” (IBGE, 2014).

Além da necessidade da equidade de gênero, os dados do relatório feito pela Organização Internacional do Trabalho relatam que reduzir as desigualdades de gênero em 25% até 2025 poderia adicionar à economia do Brasil até R\$ 382 bilhões ou 3,3% no PIB e um acréscimo de até R\$ 131 bilhões em receita tributária (OIT, 2017). Ou seja, diminuir a desigualdade de gênero acarreta tanto em benefícios sociais quanto econômicos.

Salienta-se que as mulheres se somam cada vez mais ao mercado de trabalho em razão a sua inserção nos ensinos superiores, que vem evoluindo cada vez mais, sendo perceptível o “aumento, ainda que muito discreto, da população economicamente ativa feminina, com destaque para o ingresso da mulher como trabalhadora no agronegócio” (OLIVEIRA, 2023, p.47), foco deste estudo.

Outro fator que perpetua, é a presença feminina atuando como liderança no campo, pois em pleno século XXI posições de comando ainda são vistas como espaços masculinos (LEONE; KREIN; TEIXEIRA, 2017). Dessa forma fica evidente que à medida que se aumenta os níveis dos cargos de uma empresa, a representação feminina diminui. Fonseca (2015) afirma que nos cargos de Direção e Assessoramento Superiores (DAS), as mulheres representam 39% enquanto os homens somam-se em 61,2%, demonstrando que embora as mulheres estejam a cada dia se somando ao mercado de trabalho, e sejam maioria quando referente ao ensino superior, ainda são um percentual inferior em cargos de lideranças.

Dado os desafios causados pelo machismo estrutural enraizado historicamente na sociedade, ações propostas pela Organização das Nações Unidas - ONU vem sendo realizadas, através dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável- ODS, que traz na sua proposta a necessidade de superar as desigualdades de gêneros, como também prevê formas de igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Assim, salienta-se que a inserção da mulher ao mercado de trabalho foi e ainda é um processo marcado por dificuldades, preconceitos e desigualdade de gênero. “O princípio da igualdade formal não é absoluto, é um conceito relativo, impõem-se diferenciações para tornar materialmente iguais entes desiguais” (DIAS, 2004, p.37). Portanto, o caminho para igualdade de gênero no mercado ainda é longo e um grande desafio a ser percorrido pelas mulheres.

2.2 Masculinização da Agronomia: perspectiva da história da inserção das mulheres na profissão até os dias atuais

A figura feminina teve menor importância em relação à masculina durante muitos períodos da história, o que influenciou para um preconceito por parte da sociedade que culmina com o não reconhecimento necessário do trabalho da mulher. Há séculos a divisão do trabalho é relacionada à importância da atividade, em que as de mais importância são para homens e a de menos para mulheres (SCHNEIDER; SILVA, 2010).

Outrossim, dentro dessa sociedade a mulher tinha a função voltada para tarefas com o lar, filhos e marido, assim, funções voltadas para qualquer outro meio eram incogitáveis, como na educação, visto que não era a função proposta para as mulheres pela sociedade da época onde o patriarcado era forte, o que teve consequências para que a inserção das mulheres a educação fosse um processo lento e tardio. Segundo Barroso (1991), no Brasil apenas 9% das mulheres possuíam ou cursavam ensino superior na década de 40. No entanto, em 1970, dados do Censo Demográfico do IBGE citados por Guedes (2008) indicam que as mulheres representavam 26,6% da população com nível universitário, refletindo um significativo aumento na participação feminina no ensino superior ao longo das décadas. (GUEDES, 2008, p. 124).

Na agronomia essa perspectiva feminina não é diferente, por muitos anos o curso de agronomia era referenciado à figura masculina. Quando os primeiros cursos de Agronomia surgiram no Brasil, estes foram considerados pela sociedade da época como direcionados exclusivamente aos homens (SOSTER, 2015), o que contribuiu para que a inserção de mulheres ao curso acontecesse tardiamente e consequentemente existissem barreiras quanto à presença feminina na profissão da agronomia.

De acordo com Uchôas e Guimarães (2020), a figura feminina estava historicamente restrita à esfera do cuidado doméstico e do privado, ou era vista apenas como auxiliar do homem. No entanto, Queiroz (2001) observou que, no domínio tradicionalmente masculino da

agronomia, as mulheres apropriaram-se e reapropriaram-se da profissão, superando o preconceito infundado de que eram menos capazes de exercê-la devido à sua 'fragilidade'.

No Brasil a agronomia surgiu por volta do séc. XVIII, em uma ação do governo pressionado pela aristocracia agrária. A primeira mulher que recebeu o título de engenheira agrônoma e exerceu a profissão, foi Veridiana Victoria Rossetti, nascida em Santa Cruz das Palmeiras, SP, em 15 de outubro de 1917, obteve seu título no ano de 1940, sendo a segunda diplomada no Brasil (FEICHTENBERGER; KITAJIMA; BOVÉ, 2011). O livro “Manual ilustrado de doenças dos citros”, editado em 2001, contendo textos e ilustrado com excelentes fotografias da sua coleção pessoal, constituiu-se na sua última grande obra da Veridiana. Seguindo a representação feminina de mulheres na década de 40, Lopes (2007), traz os nomes de algumas pioneiras como, Ester Sara Feldmus, que foi a primeira mulher a obter título de Engenheira Agrônoma em Pernambuco; Sara Botler, a qual publicou vários trabalhos na área de cana de açúcar, feijão macassar e abacaxicultura; e a professora Maria Celene Ferreira Cardoso de Almeida, que cabe a ela o título de introdutora da acerola no Brasil. A acerola chegou ao Brasil em 1958. Adaptou-se e disseminou-se pelo território brasileiro através do empenho pessoal da engenheira agrônoma e professora, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), que a trouxe da Costa Rica (SHINOHARA, 2015). Além de inúmeras mulheres da época que se formaram em turmas onde a presença masculina se sobressaltava a feminina.

No Brasil, de acordo com dados de 2018 do CONFEA, havia 415 cursos de graduação em Agronomia, oferecendo um total de 88.522 vagas. É importante ressaltar que esses números podem ter evoluído desde então. Ademais, é interessante observar que, historicamente, a área da Agronomia tem apresentado uma discrepância de gênero notável, com uma maior representação masculina. Essa disparidade se reflete nos dados fornecidos por Carneiro, Villwock e Matte (2022), que de acordo com informações fornecidas pelo Departamento de Engenharia Agrônômica da Universidade Federal de Sergipe, campus São Cristóvão, em relação ao número de formados no curso no período de 2010 a 2019, constata-se que, do total dos 282 formados, apenas 97 são do sexo feminino, representando menos de 35 % do quadro de engenheiros agrônomos formados pela universidade. Assim sendo, por mais que as vagas destinadas ao curso de Agronomia sejam altas, ainda assim a inserção de homens no curso é superior à de mulheres. Isso indica uma desigualdade de gênero nesse campo de estudo, com uma clara predominância de homens entre os formandos.

Além disso, os dados do IBGE (2021) demonstram que, a nível nacional, as mulheres estão em maioria quando se trata do número de concluintes de cursos de graduação na área da agricultura, silvicultura, pesca e veterinária. Nesse caso, 51,8% dos formandos são mulheres, enquanto os homens representam 48,2%. Portanto, a nível nacional, as mulheres estão superando os homens em termos de conclusão de cursos nessa área específica.

Dados do IBGE (2012), mostram que a mulheres são mais frequentes no ensino superior do que os homens, somando 55% das matrículas em cursos presenciais. Contudo, quando analisado o percentual de mulheres na área das “agrárias” há uma predominância do sexo masculino; já na área de “saúde e bem-estar” o público feminino é em média de 75% comparado ao masculino (IBGE, 2012).

Segundo Cunha et al. (2021), o número de mulheres bolsistas na grande área de conhecimento da Ciências da Vida de acordo com os dados do CNPq é de 2.188 mulheres e 3.213 homens. Já quando falamos de áreas de conhecimento mais específicas, como a Agronomia, temos 165 mulheres e 627 homens. Desse modo, é notório observar que o número de mulheres relacionado à área da agronomia ainda é inferior aos de homens, compreendendo que a ideia da masculinização da agronomia ainda está arraigado na profissão e na sociedade.

Essa perspectiva é também visualizada no ambiente da Universidade Federal de Sergipe – UFS. De acordo World University Rankings, a UFS, que ocupa o 3º lugar entre as melhores universidades do Brasil, possui uma proporção maior de mulheres ingressantes do que homens, ou seja 52% e 48%, respectivamente. Todavia, quando trazemos essa relação para o curso de Engenharia Agrônoma observa-se que atualmente, no Departamento de Engenharia Agrônoma do Campus São Cristóvão o número de discentes masculinos ainda é maior que o feminino, somando-se 64,31% homens e 35,68% mulheres.

Não só vale destacar essa inferioridade feminina no curso de Engenharia Agrônoma, como também fora dele. Dados do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA), demonstram que, dos quase 109 mil engenheiros agrônomos formados no Brasil, 88.594 são homens e apenas 20.348, mulheres (CORDEIRO, 2021). O que demonstra o quanto a presença masculina está inserida nesse mercado. Em estudo realizado por Carneiro, Villwock e Matte (2022), é apresentado relatos de mulheres Engenheiras Agrônomas já formadas e que demonstram a preocupação da presença masculina ser maioria:

“Expressa Gardênia: “Eram 30 vagas na época que eu entrei, e, dos 30, só tinha 7 meninas na minha turma. O restante era homem. Ai eu disse: ‘Nossa, quando a gente sair será que vai ser complicado?’ ” Violeta revela sua preocupação diante da composição das turmas: “Assim passava pela minha cabeça né, “...eu não vou

conseguir me encaixar no mercado de trabalho, porque eles vão optar por homem” (CARNEIRO, VILLWOCK; MATTES, 2022 p. 4).

Nesse panorama, vê-se que a entrada das mulheres em profissões marcadas pela presença majoritária masculina não representou uma transformação integral da diferença de espaço entre o homem e a mulher (CHIES, 2010). Ou seja, a mulher ainda se depara com um espaço onde sua força produtiva é desvalorizada, e uma das justificativas para isso seria a masculinização da engenharia agrônoma fator que ainda se perpetua na sociedade e exclui muitas mulheres da profissão.

Diante disso, apesar de dados mostrarem que as mulheres são maioria com ensino superior e de estarem cada vez mais inseridas nas Universidades, as mulheres ainda assim, são excluídas da agronomia por ser sinônimo de “sexo frágil”.

Atributos às condições femininas são questões que permeiam as mulheres há décadas, pelas mais variadas diferenças do desenvolvimento e do conhecimento. Apesar da evolução da sociedade e da inserção das mulheres em diferentes meios, alguns estigmas ainda permeiam. “A presença paritária de homens e mulheres nos bancos acadêmicos, no mercado de trabalho, na direção dos veículos, enfim, na sociedade talvez não permita ver que a discriminação contra a mulher ainda existe. ” (DIAS, 2004, p. 45).

Mesmo com a evolução da sociedade e a luta das mulheres pela igualdade de gênero, ainda existem muitos estigmas e preconceitos que afetam as mulheres em diversos âmbitos e que pode levar à subestimação das suas capacidades e à desvalorização do seu trabalho. Além disso, há uma tendência para atribuir características e condições às mulheres que geralmente são interligadas à sua aptidão física.

Dentro dessa problemática é que se permeia os desafios das mulheres na agronomia e os efeitos da masculinização do curso que está pautado na história. Por mais que as mulheres venham se ampliando nesse espaço, a sua inserção é marcada por barreiras e desafios que estão presentes até os dias atuais, mas na maioria das vezes não são discutidos e abordados.

Nesse sentido, observa-se muitas vezes a naturalização do tema. Segundo pesquisa realizada por Torres, em 2020, quando questionados aos alunos de agronomia se eles consideram que nas agrárias o trabalho da mulher é marcado por traços machistas, 53% das mulheres afirmaram a manifestação, enquanto apenas 37,2% dos homens concordaram com essa afirmação. Diante disso, vê-se que “algumas formas de machismo são mais notadas e “sentidas”, por quem sofre às desigualdades” (TORRES, 2020, p.3).

Ainda nessa mesma pesquisa, quando perguntado se os homens possuem condições mais adequadas para realizar atividades operacionais, 75,3% dos entrevistados homens

afirmaram que sim, enquanto 53% das mulheres também deram respostas afirmativas. Assim, observa-se a naturalização do machismo na agronomia e dos papéis estruturais, reflexos de uma sociedade patriarcal, em que homens e mulheres ainda possuem valorizações distintas e que colocam a mulher em posições de inferioridade.

Uma análise feita das pesquisas realizadas na UFS entre 2019/2020 através dos dados obtidos pelo SIGAA, em todos os cursos das ciências naturais, observou-se que 52,85% são realizadas por mulheres. Contudo, quando filtrado para o curso de engenharia agrônômica, do total de 13 pesquisas, apenas 3 delas eram feitas por discentes mulheres (SANTOS, 2022).

Dessa maneira, é visível a importância do saber das questões e desafios de ser mulher e estar nas ciências agrárias, considerando os impactos e o domínio da masculinização no curso de agronomia na UFS campus São Cristóvão. Como a universidade é uma instituição socializadora, é esse o espaço para desconstrução de pensamentos machistas arraigados quanto a mulher no ambiente da agronomia.

Assim, salienta-se a importância das universidades e dos profissionais da área tomarem conhecimento quanto a esses desafios e trabalhem para criar um ambiente mais inclusivo e igualitário, promovendo a diversidade e a representatividade feminina na agronomia. “A presença em maior número de mulheres nas Ciências Agrárias em um Campus do interior de Sergipe representa para mim uma conquista de que estamos rompendo as barreiras, muitas vezes sutis, para ocuparmos diferentes espaços. ” (VARJÃO, 2019, p.7). Por mais que a presença feminina em ambientes acadêmicos provoque na sociedade um novo arranjo nas relações do sexo feminino e masculino, ainda assim as mulheres que cursam agronomia enfrentam diversos desafios dentro da universidade, como preconceito e discriminação por pessoas que duvidam de sua capacidade e competência e a falta de representatividade.

3. METODOLOGIA

O caminho metodológico desta pesquisa foi construído adotando-se como característica central a utilização de procedimentos de análise qualitativa e quantitativa dos dados na perspectiva de possibilitar a quantificação das modalidades ao mesmo tempo que se tenha estudos descritivos e analíticos do meio social e cultural do sujeito de pesquisa, assim como permitir análises mais contextualizadas da realidade vivenciada pelas discentes, buscando respeitar seus posicionamentos acerca das questões levantadas na pesquisa (CAMPOLIN, 2005). Para alcançar o objetivo proposto, o público-alvo da pesquisa foram as discentes mulheres do curso de Engenharia Agrônômica da Universidade Federal de Sergipe - UFS,

Campus São Cristóvão, inseridas do primeiro ao último período do curso, e que estejam com a matrícula ativa no ano referente a pesquisa. Tendo assim como critério de exclusão os participantes que não sejam do gênero feminino, as discentes que não estão com matrículas ativas no semestre referente a pesquisa e as participantes que não consentiram utilizar as respostas realizadas na pesquisa.

O método escolhido para a coleta dos dados pretendidos foi a aplicação de entrevista estruturada (APÊNDICE A) com perguntas abertas e fechadas, visando buscar respostas adequadamente detalhadas para alcançar o objetivo (FLICK, 2013). As entrevistas foram realizadas por meio do envio do formulário eletrônico pela plataforma *Google Forms*, para facilitar o acesso das discentes à pesquisa e para atingir o maior número possível de entrevistadas. A pesquisa foi realizada no período entre julho a agosto de 2023.

Ainda em relação à coleta dos dados, para que não houvesse erros quanto a população amostral e que se tivesse o máximo de certeza que só as discentes mulheres do curso de Engenharia Agrônômica da UFS campus São Cristóvão respondessem o formulário, o envio destes foi realizado para todas as discentes mulheres por meio do e-mail institucional destas. É válido ressaltar que o nome e imagem dessas discentes foram preservados, por isso, quando necessário, nomes fictícios foram utilizados, ao longo deste trabalho, para se referir às discentes entrevistadas. Ademais, foi realizada a solicitação da autorização das discentes para coletar e utilizar os dados da pesquisa, garantindo a privacidade e anonimato das participantes.

Após finalizar a etapa de coleta de dados, foi realizada a interpretação destes, fazendo um comparativo dos resultados obtidos com a revisão bibliográfica. Para tanto, os dados quantitativos foram analisados por meio de estatística descritiva com complementação da análise de conteúdo, que é um método qualitativo, caracterizando assim, a análise como quanti-qualitativa. Segundo Bardin (1977) a análise de conteúdo é entendida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, organizada em torno de três polos cronológicos: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, e inferência e interpretação (BARDIN, 1977), que foram seguidos no processo de análise e interpretação dos dados coletados para essa pesquisa. De modo a discutir sobre os desafios enfrentados pelas discentes em relação à sua inserção no curso de Engenharia Agrônômica, foram analisadas as perspectivas destas em relação ao curso; identificando os principais desafios enfrentados por elas durante a graduação e analisando as estratégias utilizadas pelas discentes para contornar os desafios enfrentados.

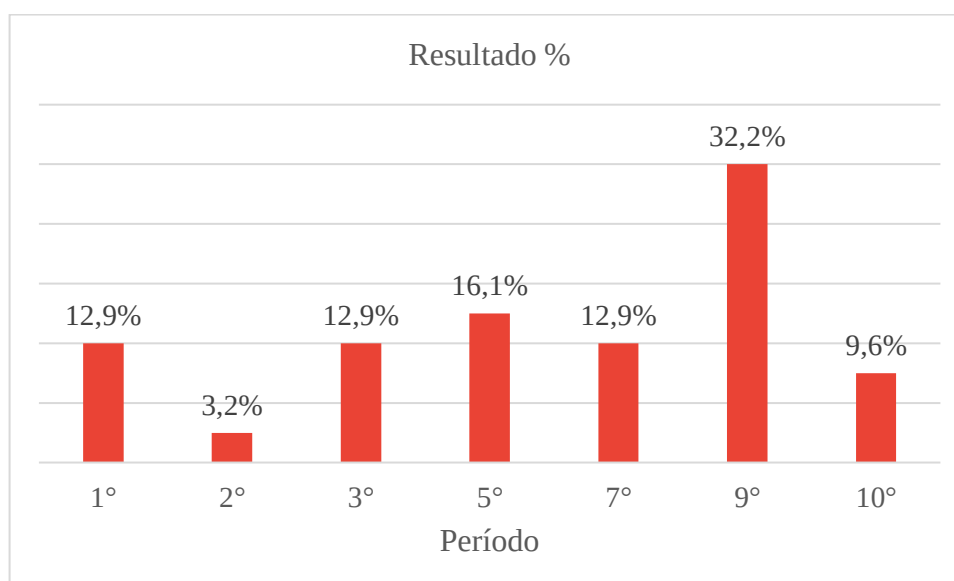
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciando a análise dos resultados com a caracterização da população amostral, salienta-se que num total de 91 discentes com vínculo ativo em 2023 no curso de engenharia agrônômica da Universidade Federal de Sergipe - UFS, campus São Cristóvão, 31 discentes responderam ao formulário da pesquisa, totalizando 34%.

O público feminino que respondeu o questionário possui entre 18 e 55 anos de idade. Em relação ao período em que se encontram matriculadas, 32,2% das respostas foram de alunas do 9º período, ou seja, alunas que estão concluindo o curso (Figura 1). Possivelmente, tais alunas se sentiram mais a vontade de responder o formulário por possuírem mais experiências ao longo do curso e/ou por terem enfrentado e superado uma variedade de desafios ao longo de sua jornada acadêmica, acumulando conhecimento sobre as questões de gênero e os desafios específicos que as mulheres podem enfrentar nessa área.

Ademais, 12,9% são alunas do 7º, 3º, 1º períodos, 16,1 % alunas do 5º período, 9,6% são alunas do 10º período e 3,2% são alunas do 2º período em engenharia agrônômica.

Figura 1 - Período da graduação em que se encontram as discentes mulheres do curso de Engenharia Agrônômica na UFS – Campus São Cristóvão.

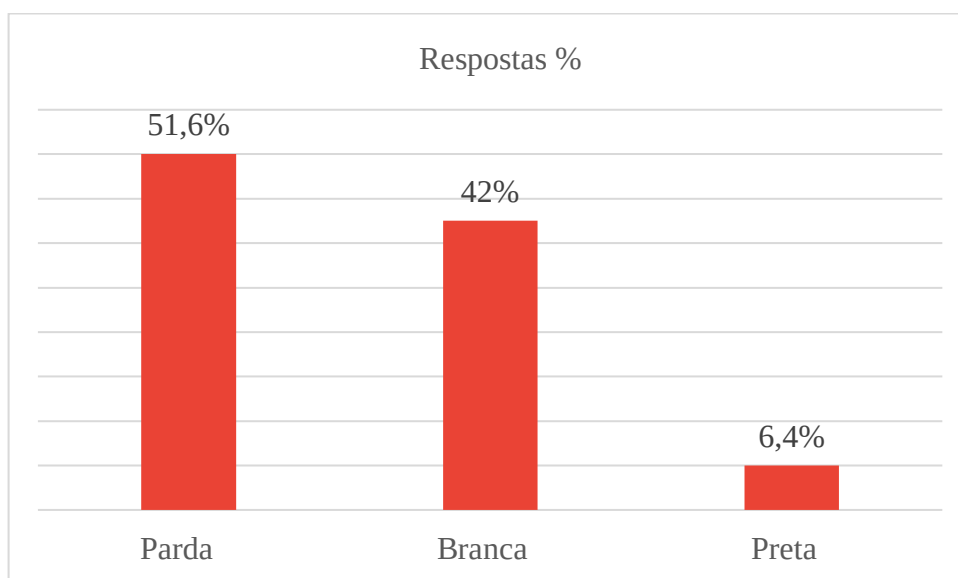


Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Outro aspecto analisado a partir das informações, foi a respeito de como as discentes mulheres se autodeclararam quanto à sua identidade étnico racial (Figura 2). É importante notar que essas categorias são baseadas na autodeclaração das alunas, o que significa que elas se

identificaram dessa maneira. Observou-se que 51,6% das alunas se autodeclararam pardas, 42% se autodeclararam brancas, enquanto 6,4% se autodeclararam pretas. Esses dados refletem a diversidade presente na população brasileira em geral, onde a categoria "pardo" é frequentemente utilizada para descrever uma ampla variedade de tons de pele e ascendências étnicas.

Figura 2 - Autodeclaração de heteroidentificação das discentes mulheres do curso de Engenharia Agrônômica na UFS – Campus São Cristóvão.



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Com relação ao local de residência, observou-se que 83,87% das discentes mulheres entrevistadas residem atualmente em zona urbana e 16,13% em zona rural, ao contrário da UFS - Campus São Cristóvão, que fica mais próxima à capital sergipana, em análise realizada por Varjão (2020) em sua pesquisa na UFS - Campus Sertão, a maioria das mulheres discentes que lá atuam são residentes da zona rural do Alto Sertão sergipano. Ou seja, as mulheres ainda residem em torno da sua área de origem quando analisa-se os dados do Campus Sertão, o que não ocorre no Campus São Cristóvão.

Prosseguindo com as análises, nos próximos tópicos serão apresentados os resultados e discussões das categorias, segundo análise de conteúdo, divididas em: (1) desafios dentro do curso de Engenharia Agrônômica, (2) desafios e perspectivas do mercado de trabalho e (3) estratégias e representatividade encontradas pelas discentes do curso de Engenharia Agrônômica da UFS, Campus São Cristóvão.

4.1. Ser mulher em um curso historicamente masculinizado: quais os desafios?

Ao falar da presença feminina no campo da engenharia agrônômica, cabe enfatizar a importância da participação desta na área, visto que por muito tempo foram excluídas e alicerçadas pela sociedade que culturalmente carregou esse reduto masculino ao curso ao longo do tempo.

De acordo com o Inep (2021) o percentual de mulheres concluintes dos cursos de graduação na área da agricultura, silvicultura, pesca e veterinária é de 51,8% e isso é reflexo do interesse das mulheres em se inserirem no ensino superior e buscar cada vez mais qualificação profissional. Entretanto, em estudo realizado pela UNESCO (2022) observou-se que as mulheres estão sub-representadas no ensino superior, o que demonstra que ainda há um caminho árduo a se avançar.

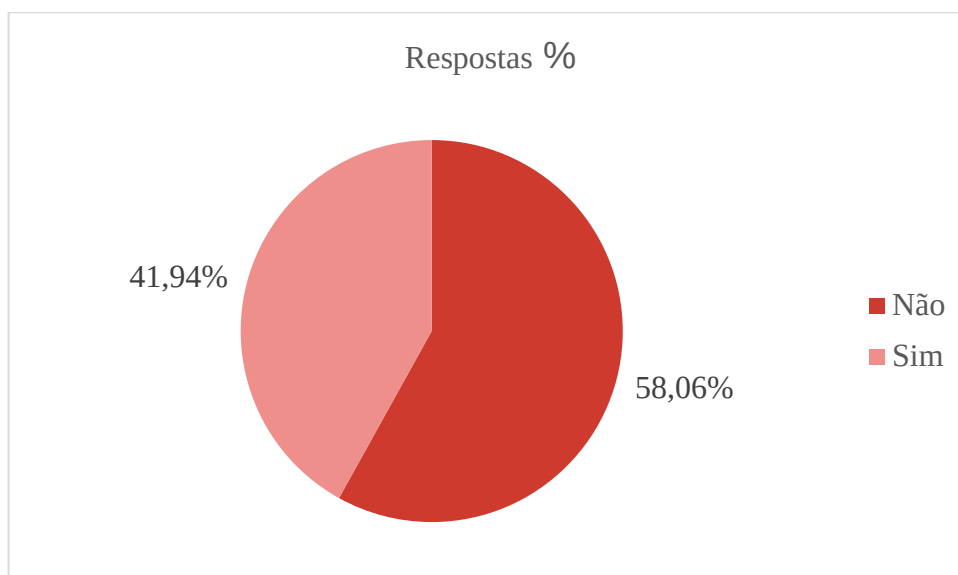
Segundo dados do painel de acompanhamento acadêmico da UFS 2014, a partir de 2007 o número de mulheres ingressante na universidade foi superior ao de homens. Ademais, analisando a UFS, Campus do Sertão, nos cursos de ciências agrárias, as discentes mulheres correspondem a 54,22% (VARJÃO, 2020). E embora ainda existam preconceitos quanto ao trabalho feminino nessa área, aos poucos as mulheres estão se inserindo e mostrando sua importância, uma vez que a escolarização é um álibi importante nas relações de poder entre homens e mulheres (GUEDES, 2008).

Entretanto, trazendo para o Campus São Cristóvão, e filtrando para curso de Engenharia Agrônômica, atualmente o quantitativo de discentes mulheres ainda é inferior, pois do total de 255 alunos matriculados no curso, somente 91 são mulheres, totalizando 35,68%. Corroborando com isso, em informações citadas por Carneiro, Villwock e Matte (2022), em relação ao número de formados no curso no período de 2010 a 2019, constata-se que do total de 282 formados, apenas 97 são do sexo feminino, representando menos de 35% do quadro de Engenheiros (as) Agrônomos (as) formados no Departamento de Engenharia Agrônômica da UFS - Campus São Cristóvão nos últimos 10 anos.

Com isso, é evidente que a presença feminina no Departamento de Engenharia Agrônômica ainda é bastante reduzida, apesar dos avanços no sentido de superar barreiras de gênero. Este cenário reflete o persistente desconforto que muitas mulheres ainda sentem ao optar por uma carreira historicamente dominada por homens. A pesquisa revela que, quando questionadas se a engenharia agrônômica sempre foi uma opção de curso, apenas 58,06% das estudantes responderam afirmativamente, enquanto 41,94% indicaram o contrário (Figura 3), podendo indicar a necessidade contínua de esforços para desafiar estereótipos de gênero e criar

um ambiente inclusivo e encorajador que motive mais mulheres a seguirem carreira na Engenharia Agrônômica.

Figura 3 - Engenharia Agrônômica como opção de curso.



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Assim, os desafios de escolher cursar agronomia muitas vezes começa desde a escolha do curso, até mesmo dentro do ambiente familiar. A resistência familiar à carreira pode representar a primeira barreira social da mulher, antes mesmo de ingressar na profissão. Dessa forma, quando questionadas quanto a família ter sido resistente a ideia da discente em cursar agronomia, algumas discentes relataram desconforto familiar relacionado ao fato de serem mulheres e ao estigma de não serem consideradas "adeptas" ao curso. Outras destacaram as preocupações em relação ao mercado de trabalho, citando a percepção de que a profissão não emprega muitas mulheres, como exemplificado nas falas abaixo.

“Pelo fato de ser mulher” (ENTREVISTADA 17)

“Porque consideram um curso que não emprega muitas mulheres” (ENTREVISTADA 19)

“Diziam que eu era “menina da cidade” e não aguentaria a vida no campo” (ENTREVISTADA 2)

Esses relatos refletem desafios sociais e estereótipos de gênero profundamente enraizados que ainda precisam ser superados para que mais mulheres se sintam à vontade e confiantes ao escolher uma carreira na Engenharia Agrônômica. Essa resistência familiar demonstra a importância não apenas de encorajar as mulheres a seguirem seus interesses, mas

também de sensibilizar as famílias sobre as oportunidades e potencial que essa carreira oferece, independentemente do gênero.

Dessa forma, observa-se mais um desafio feminino, pois “a mulher deve também superar obstáculos de natureza psico-social que, quando não impedem que curse uma faculdade, delimitam carreiras como sendo mais adequadas para ela” (BARROSO; MELLO, 1975 p.50). Assim sendo, o histórico masculino do curso acaba passando de geração a geração e trazendo o machismo enraizado que permeia no ambiente familiar “por conta de um certo machismo impregnado na família” (ENTREVISTADA 30).

Frente aos relatos, percebe-se que as distinções de gênero quanto a profissão começa no processo da escolha da carreira (PEREIRA; FAVARO, 2017). Outrossim, além dos desafios quanto a aceitação da família ao curso, segue-se também a dúvida em enfrentar um curso que historicamente carrega esse reduto masculino. Souza (2015) cita que os estereótipos de gênero acabam impactando a escolha profissional de ambos os sexos e que moldam as percepções de quais profissões são consideradas "adequadas" ou "apropriadas" para homens e mulheres, o que por sua vez afeta a diversidade de gênero em diferentes campos profissionais. Ou seja, ainda há uma dúvida quanto ao ingresso da própria mulher no curso de engenharia agronomia.

“A área ainda é muito vista como uma área muito masculina, muitas pessoas ainda acham estranho o fato de eu, ter escolhido fazer agronomia. As pessoas não levam a sério meu conhecimento, mesmo quando apresento fatos científicos comprovados, mas se uma pessoa do sexo masculino dizer a mesma coisa a pessoa "nossa como você é inteligente". (ENTREVISTA 8).

A declaração da entrevistada reflete claramente os desafios que as mulheres enfrentam quando optam por carreiras historicamente dominadas por homens, como a engenharia agrônoma. O estigma de que essa área é predominantemente masculina persiste, criando barreiras para as mulheres que desejam ingressar nesse campo. O relato da entrevistada destaca como os estereótipos de gênero podem influenciar a percepção das pessoas sobre o conhecimento e a competência das mulheres, mesmo quando elas apresentam evidências científicas sólidas.

Observa-se que por mais que as mulheres venham desconstruindo rupturas sociais, ainda assim essa visão é perpassada por elas diariamente, pois, os estereótipos enraizados culturalmente na sociedade se perpassam de geração em geração, tornando assim corrente o entendimento de “carreiras mais afeitas às mulheres e carreiras propriamente masculinas” (BARRETO, 2014 p.10).

E dentro desse discurso de separação de “lugar de mulher” e “lugar de homem”, ou seja, a divisão sexual do trabalho, que foi e é socialmente construído, nasce uma sociedade desigual, sendo que “a desigualdade acontece a partir do momento em que se questiona a qualidade, o desempenho e a aptidão da mulher nas atividades realizadas” (ALVES; SELL; CASTRO, 2018, p.1). Desse modo, as mulheres enfrentam desafios diários em ter que provar o tempo todo que são capazes de atuar nesse ambiente, sem ser julgada como “frágil” ou “inapta” para tais serviços.

“Historicamente falando, isso é um fato. Por muitos anos o curso de agronomia foi predominante masculino. Isso é um reflexo de uma sociedade machista e patriarcal, no curso não seria diferente. Alguns dos desafios são: invisibilidade, ausência de credibilidade, diferenças no tratamento entre homem/mulher, dificuldade para expressar opiniões e quando expressadas muitas vezes são desconsideradas, entre outras”. (ENTREVISTADA 16).

A fala da entrevistada destaca a histórica prevalência masculina no curso de agronomia e aponta para as raízes profundas do desequilíbrio de gênero na profissão, evidenciando também os desafios que as mulheres enfrentam ao entrar em um campo dominado por homens, reflexos de uma sociedade machista e patriarcal. Assim, observa-se que as mulheres têm a consciência do machismo que está impregnado culturalmente na sociedade sobre o curso e enxergam que passam por desafios diários como consequência disso, trazendo em suas falas a questão de não terem, muitas vezes, o lugar de fala.

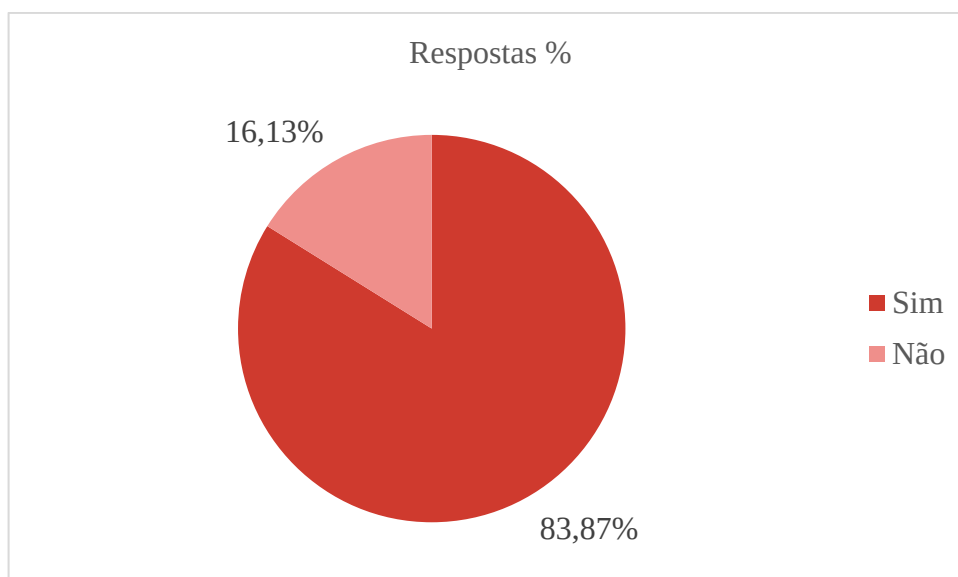
“Às vezes nosso local de fala acaba sendo reduzido minuscavelmente e acabamos sendo excluídas ou ignoradas em muitos assuntos que envolvem a nossa área” (ENTREVISTADA 12).

“Quando alguns professores ignoravam a minha fala e davam prioridade a ouvir os meninos” (ENTREVISTADA 30).

“Existem até mesmo professores machistas dentro do departamento. Nem sempre somos levadas a sério. Mulheres no geral são mais consideradas apenas para projetos de pesquisa (e não são todas as áreas)” (ENTREVISTADA 6)

Corroborando com as falas acima, quando perguntadas se enfrentam desafios por serem mulheres na engenharia agrônômica, 83,87% afirmaram que já enfrentaram desafios por serem mulheres na engenharia agrônômica e somente 16,13% responderam que não (Figura 4).

Figura 4 - Desafio em relação a ser mulher graduanda em Engenharia Agrônômica na UFS campus São Cristóvão.



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Vale salientar que esses desafios podem se manifestar de várias maneiras, desde a falta de reconhecimento de suas habilidades e conhecimentos até a discriminação de gênero direta e a exclusão de oportunidades profissionais. As mulheres desejam ter uma profissão socialmente reconhecida, “já que o seu trabalho, tanto dentro de casa como fora, não é valorizado” (CARNEIRO, 1994, p.19). Além disso, o fato de a grande maioria das estudantes reconhecer essas dificuldades indica a necessidade urgente de abordar essas questões de maneira eficaz.

“Infelizmente o campo e as pessoas dentro do curso ainda têm uma visão um pouco machista e distorcida da mulher na agronomia. Assim, às vezes nosso local de fala acaba sendo reduzido minusculturalmente e acabamos sendo excluídas ou ignoradas em muitos assuntos que envolvem a nossa área. Sinto que temos sempre que estarmos provando que somos boas e estamos ali ocupando um lugar que merecemos ocupar”. (ENTREVISTADA 12).

“Preconceito e prediletíssimo, em achar que ao contratar homens você sai na vantagem pois tem mão de obra física garantida e com mulheres você teria que contratar um terceiro para ajudar” (ENTREVISTADA 7)

“Desrespeito na hora de debater sobre um assunto, ser ignorada em relação aos homens presentes, assédio dos professores...” (ENTREVISTADA 14)

É importante salientar a dificuldade da mulher ao se expressar quando comparada à figura masculina, pois a maioria dos cursos de agronomia tem uma presença majoritariamente masculina em que há a persistência de visões machistas e estereotipadas em relação às mulheres

na profissão, criando um ambiente desafiador em que as mulheres muitas vezes se sentem subestimadas, excluídas e ignoradas. Consequentemente, o fato de serem menor número em sala de aula pode fazer com que as mulheres se sintam isoladas ou desconfortáveis, especialmente em situações em que são a minoria.

“Há diversos discursos machistas e sempre somos colocadas contra a parede em comentários dentro e fora de aula. Tranquei uma disciplina esse período por conta disso; turma pequena, mais homens que mulheres e professor fazendo comentários desnecessários e os estudantes homens da sala achando graça, a mulher se sente um nada e ainda é obrigada a interagir”. (ENTREVISTADA 24).

“Lidar com a alta presença masculina no curso. Principalmente em relação a professores que tem atitudes mais machistas e/ou misóginas”. (ENTREVISTADA 9).

“Às vezes tem umas olhadas, um pouco desconfortáveis.” (ENTREVISTADA 25)

Analisando as falas, fica evidente os desconfortos das alunas, pois o respeito por ser mulher não é preservado, revelando que “o machismo é reconhecido pelo senso comum como a cultura de superioridade, exercida pelo homem no que se refere ao seu modo de pensar e agir de forma a subjugar o sexo feminino na compreensão da inferioridade” (CORTES, 2015 p.1).

“Desde o momento quando percebi que teria que lutar o dobro para provar que conseguiria me formar, atuar e ser tão boa no meu trabalho quanto uma figura masculina. Esse fator de desigualdade acaba me afetando vez ou outra e me faz questionar sobre as minhas convicções de continuar ou não”. (ENTREVISTADA 12)

Assim é comprovatório pelas falas, que sim, há desafios quanto as discentes do curso e eles se perpassam tanto na relação com seus colegas de classe quanto aos professores em sala de aula. Ao serem questionadas se em algum momento ao longo da graduação elas se sentiram desrespeitadas por parte dos professores, técnicos ou colegas por ser mulher e cursar agronomia, 69,29% das respostas foram afirmativas, e com elas vieram relatos das discentes que de alguma forma se sentiram desrespeitadas e por não saber o que fazer se mantiveram em silêncio, ou não quiseram se manifestar.

“Me mantive em silêncio. Agi dessa forma, pois sabemos que nada, infelizmente se resolve, principalmente com professores. É uma realidade triste e cruel, mas é a realidade”. (ENTREVISTADA 9)

“Lidar com isso foi bem difícil no começo, mas aprendi a mudar minha postura e ser mais rígida quando uma situação desconfortável acaba acontecendo”. (ENTREVISTADA 1)

“Não fiz nada. Não sabia a quem recorrer”. (ENTREVISTADA 6)

“No meu caso, fui ao DAIN e estou sendo acompanhada por eles. Mas, mesmo assim, ainda há constrangimento por parte de alunos, deixaram de falar comigo, e tudo isso ainda continua, mas há constrangimento sim. Infelizmente não posso falar outras coisas aqui.” (ENTREVISTADA 11)

Assim, observa-se que as mulheres têm a consciência das dificuldades enfrentadas por elas dentro do curso. Entretanto, muitas vezes, conforme relatado, não souberam a quem recorrer ou preferiram não recorrer e guardar para si mesma, pois esse debate de gênero ainda é muito pouco discutido na universidade ou por não se sentirem a vontade para expor.

“Nesse momento, estou vivendo um momento de desconfiança e pouca confiança nos professores. Então, vai levar um tempo para eu me recuperar e acreditar que discentes, docentes e funcionários são profissionais e desejam evoluir tanto quanto desejam que os alunos e o curso cresçam. Hoje, nesse meu momento, vejo que isso não acontece. (ENTREVISTADA 11)”

A declaração da entrevistada 11 reflete um sentimento de desconfiança em relação aos professores e à dinâmica do ambiente acadêmico. É importante abordar essa desconfiança e trabalhar para reconstruir a confiança dos estudantes nas instituições de ensino, reforçando políticas e códigos de ética que promovam um ambiente acadêmico de respeito, equidade de gênero.

Desse modo, observa-se que por mais que dentro de uma instituição que tem como objetivo ser socializadora, estão presentes as contradições que dinamizam a sociedade, assim a universidade se torna um espaço de desafios e resistência para as mulheres. “O abandono dos atavios da "feminilidade" não só é geralmente necessário para uma mulher ser levada a sério como cientista, mas é com frequência importante também para evitar atenção indesejável à sua sexualidade” (SCHIENBINGER, 2001, p.152). Assim, para criar um ambiente mais inclusivo e equitativo para as mulheres na Engenharia Agrônoma, é fundamental que as instituições de ensino, os profissionais e a sociedade em geral estejam cientes desses desafios e estejam dispostos a tomar medidas concretas para enfrentá-los.

4.2. As perspectivas das discentes para o mercado de trabalho

Segundo dados do Serviço de Informação ao Cidadão (SIC), até fevereiro de 2022, haviam 28.833 engenheiras cadastradas no Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea), mostrando que o número de mulheres que aderiram a engenharia ainda é baixo, representando apenas 35% do total. A disparidade entre o número de engenheiros homens e

mulheres sugere a persistência da desigualdade de gênero em uma profissão historicamente dominada por homens. Essa discrepância reflete barreiras e estereótipos de gênero que podem desencorajar as mulheres a ingressar na engenharia. A engenharia, por conta do contexto histórico, traz um elemento característico da profissão, o que contribui para que ainda esteja historicamente associada a figura masculina (MESQUITA, 2017).

Mastrogiacomo e Ferreira (2022) relataram que em 2022 a representação feminina como engenheiras agrônomas registradas no CREA era cerca de 19% e no ano de 2011 esse número era de 17%. Ou seja, observamos aumento de 17% para 19% ao longo de uma década, o que representa um progresso gradual na representação feminina na engenharia agrônômica. Isso sugere que, embora haja desafios persistentes, as mulheres estão fazendo avanços em sua participação nesse campo. No entanto, ainda há desafios persistentes relacionados ao viés de gênero e à igualdade de oportunidades no mercado de trabalho relacionado a essa área, indicando que existem barreiras de gênero e estereótipos que podem desencorajar as mulheres a seguir essa carreira. Ou seja, há uma segregação nas oportunidades de trabalho baseada no gênero, percebida a partir do momento que as oportunidades de atuação das mulheres dentro da estrutura produtiva são reduzidas (YANNOULAS, 2002).

Esse debate sobre gênero e oportunidades de trabalho da área da engenharia agrônômica, dentro da universidade, também foi abordado pela pesquisa. Quando questionadas se existia diferença nas oportunidades de estágio entre homens e mulheres, 74,41% das alunas responderam ter diferença e trouxeram observações sobre um mercado “masculinizado” apontando que, muitas vezes, a área da pesquisa é mais direcionada a mulher por não estar associadas a trabalhos “pesados”

“Muitas oportunidades de estágio são direcionadas apenas a homens, ao pensarem em alguém para trabalhar na prática, tendem a preferir homens. Já em estágios de pesquisa, vejo essa preferência ser um pouco menor. Reforçando estereótipos muito fortes no curso de agronomia, onde mulher fica com o trabalho mais leve e homem com "a lida".(ENTREVISTADA 16)

“Normalmente homens conseguem estágios mais comumente em áreas como o setor comercial e prestação de consultorias, enquanto as mulheres mais comumente em áreas de pesquisa, ou legislação e projetista.” (ENTREVISTADA 7)

“As empresas tendem a contratar homens pois, o meio rural por si só é machista e muitas vezes a mulher não é ouvida e sua opinião/conhecimento não é validado. Acredito que isso se intensifica quando se está ligado a cargos que envolvem contato direto com produtores ou cargos de chefia, pois os homens (predominantes no meio) tendem a apresentar resistência em "receber ordens/conselhos" de uma mulher.” (ENTREVISTADA 14)

Esses estereótipos acabam afetando diretamente a posição profissional futura das mulheres. Com o objetivo de analisar a participação da mulher engenheira agrônoma nos estabelecimentos na região de Missões no Rio Grande do Sul, Hartmann (2018) observou que do total de 56 profissionais que atuavam na região como engenheiros agrônomos, 51 são do sexo masculino e apenas 5 são do sexo feminino. Isso indica uma falta de representação feminina substancial na profissão, o que pode ter diversas causas, como estereótipos de gênero, falta de oportunidades ou barreiras culturais. E esses reflexos são os desafios que as discentes, ainda na graduação, notam quanto ao mercado de trabalho.

“O mercado ainda é muito masculinizado, então, infelizmente na hora de escolher alguém para preencher a vaga de trabalho, por exemplo, ainda é muito preferível ter um homem ocupando o cargo”. (ENTREVISTADA 12)

“Acredito que apesar de o mundo já ter apresentado uma grande evolução, ainda há um preconceito/machismo em relação a participação feminina no mercado de trabalho e isso pode ser um empecilho” (ENTREVISTADA 22)

Essa preferência por homens em cargos de trabalho é uma manifestação da discriminação de gênero e dos estereótipos de que homens são mais adequados para certos empregos ou mais competentes em determinadas áreas, evidenciando ainda a divisão sexual do trabalho em relação à profissão. Isso não apenas limita as oportunidades profissionais das mulheres, mas também perpetua a desigualdade de gênero no mercado de trabalho. Para Scott (1995) a objetivação sexual é o processo primário de sujeição das mulheres, a ideia de que a mulher não é capaz de realizar certas atividades por ser relacionada a um gênero inferior delimita a ela certos cargos e isso acaba afetando e faz com que ela busque outro cenário para trabalhar.

[...] o gênero também influencia no valor social atribuído às ocupações no mercado de trabalho e atua do mesmo modo na universidade, onde as mulheres, ainda que presentes em número crescente, não se distribuem de modo uniforme pelas diferentes “vocações” (BARRETO, 2014 p.10)

Desta forma, embora o número de mulheres na universidade esteja aumentando, elas não estão distribuídas de forma uniforme em todas as áreas de estudo, ou “vocações”. Isso pode indicar que ainda existem barreiras ou estereótipos de gênero que influenciam as escolhas acadêmicas das mulheres e as impedem de ingressar em certas áreas da engenharia agrônoma que historicamente é dominada por homens.

“Desejo ser pesquisadora. Pretendo me qualificar e com sorte ser absorvida por alguma empresa. Nessa área as oportunidades são melhores para mulheres.” (ENTREVISTA 6)

A fala da engenheira agrônoma, citada no estudo realizado por Carneiro, Villwock e Matte (2022), reflete uma percepção preocupante e desafiadora que muitas mulheres que escolhem carreiras em campos técnicos e científicos enfrentam, que é a ideia de que os professores, e por extensão, a sociedade, têm expectativas limitadas sobre as possibilidades de carreira das mulheres nessas áreas é um reflexo da persistência dos estereótipos de gênero.

“Eles [os professores] veem muito a gente como aquelas profissionais que vão seguir carreira de laboratório, que vão seguir para sala de aula. Eles nunca esperam que você seja ‘a cara’ do campo. Eles não esperam isso da gente não. Não mesmo”. (CARNEIRO, VILLWOCK, MATTE, 2022 p.6);

Essa percepção de que as mulheres são frequentemente direcionadas para carreiras de laboratório ou sala de aula, em vez de serem vistas como profissionais no campo, é um exemplo de como os estereótipos de gênero podem influenciar as expectativas e as oportunidades das mulheres. Dessa maneira, quando questionadas quais seriam os maiores desafios que enfrentariam como engenheiras agrônomas formadas, a fala da entrevistada destaca um dos desafios que as engenheiras agrônomas podem enfrentar no campo, que é a resistência de alguns agricultores a aceitar mulheres em um ambiente tradicionalmente dominado por homens.

“A resistência de alguns agricultores. Sendo uma mulher que conviveu um bom tempo com homens do campo com costumes bem tradicionais, sei que para alguns deles a sensação de ver uma mulher em um trabalho visto essencialmente como masculino é de estranheza”. (ENTREVISTA 1)

“Acredito que seja o fato de ter que conquistar o meu lugar. Ou seja, ralar muito para provar que mereço está ali. O que não seria um problema se eu fosse homem”. (ENTREVISTA 12)

A fala da entrevistada destaca um dos desafios mais significativos que muitas mulheres enfrentam em profissões tradicionalmente dominadas por homens: a necessidade de conquistar seu lugar e provar repetidamente sua competência e legitimidade. A capacidade da profissional passa então a ser julgada a partir de avaliações de uma identidade social que são irrelevantes à competência profissional (CHIES, 2010). Essa percepção de que as mulheres precisam trabalhar ainda mais duro do que os homens para serem reconhecidas e respeitadas é uma manifestação da desigualdade de gênero persistente no mercado de trabalho.

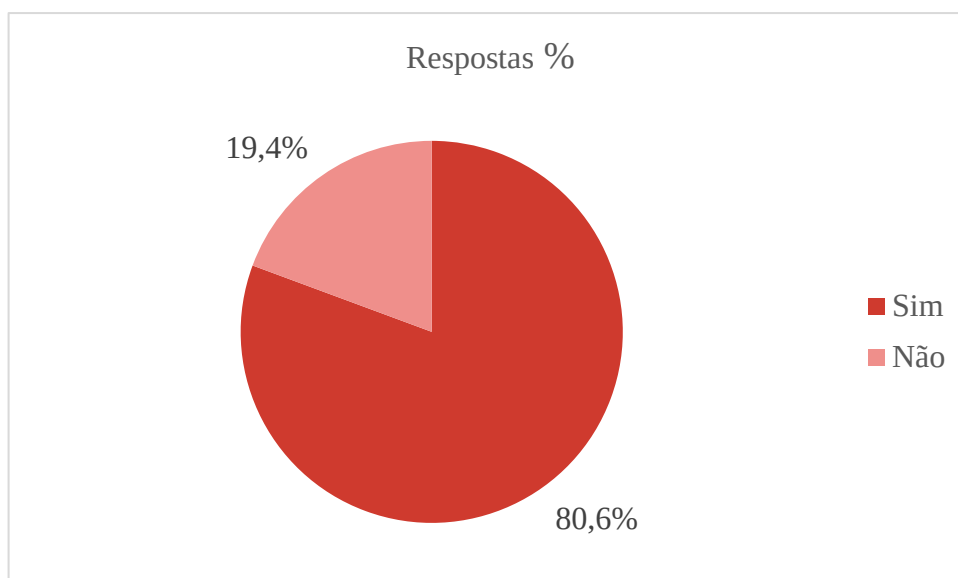
Para abordar essa desigualdade, é fundamental que a sociedade, as instituições educacionais e as empresas promovam a igualdade de gênero, reconhecendo o valor e as

contribuições das mulheres em todas as áreas profissionais. Além disso, as mulheres que estão trilhando carreiras em campos tradicionalmente masculinos são modelos importantes para outras, mostrando que é possível superar os obstáculos e alcançar o sucesso.

4.3 Representatividade feminina e estratégias para a equidade de gênero na Engenharia Agrônômica.

A princípio, os desafios que as discentes encontram durante sua graduação levam ao questionamento sobre a presença feminina no curso de agronomia que por muitos anos teve seu reflexo na figura masculina. A escolha do curso e a profissão que seguirá é um importante elemento para o debate de gênero, configurando assim uma resposta ao processo de socialização entre o contexto social e os atores nele envolvidos (SANTOS, 2014). Essa situação é vista nas respostas das discentes, quando questionadas se em algum momento, antes de entrar na universidade, elas chegaram a se questionar sobre a presença feminina dentro da profissão, sendo que 80,6% responderam que sim e 19,4% responderam que não (Figura 5).

Figura 5 - Questionamento sobre a presença feminina dentro da profissão.



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Desse modo, observa-se que esse questionamento quanto a ser mulher na agronomia evolui ao decorrer do tempo, pois o estudo realizado por Carneiro (2021) revelou que as Engenheiras Agrônomas entrevistadas nunca chegaram a se questionar sobre a presença feminina na profissão. Ao contrário disso, e como um possível avanço para o debate feminino,

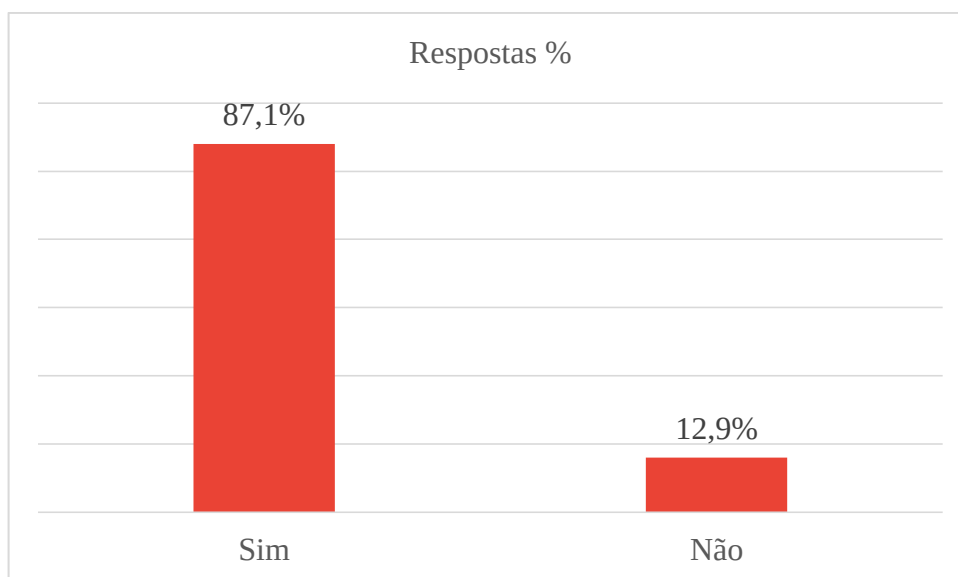
nessa pesquisa observa-se que esse questionamento já se passa pela mente das discentes ainda na graduação.

Nesse viés, um debate muito importante a ser abordado é sobre a representatividade feminina no curso de Engenharia Agrônômica, uma vez que a representação feminina no curso numericamente tem sido desproporcionalmente baixa em comparação com a presença masculina, como já mencionado anteriormente. No entanto, nos últimos anos, tem tido um aumento gradual no número de mulheres interessadas e ingressando nesse campo. Entretanto, a ausência de mulheres em cargos de destaque na Agronomia pode fazer com que as estudantes tenham dificuldade em se enxergar como futuras profissionais na área.

“O meu maior medo ao entrar na universidade era não ter figuras femininas para me inspirar, mas ao entrar tive contato com professoras incríveis que me ajudam a continuar mesmo com as dificuldades”. (ENTREVISTADA 1)

A maioria das discentes (87,1%) julgam que há representação feminina no curso de Engenharia Agrônômica no Campus São Cristóvão, e 12,9% responderam que não (Figura 6). Essa percepção favorável da representação feminina pode indicar que as estudantes veem outras mulheres na agronomia, incluindo professoras e colegas, e se sentem representadas e incluídas na comunidade acadêmica. Isso é um aspecto importante para promover a igualdade de gênero e encorajar mais mulheres a considerar carreiras na Agronomia. Contudo, por mais que as discentes tenham essa visibilidade de representação feminina no curso, o quantitativo de representantes do sexo feminino é inferior.

Figura 6 - Representatividade feminina no curso de engenharia agrônômica na UFS campus São Cristóvão.



Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Ao analisar o número de docentes mulheres no curso de Engenharia Agrônômica nos deparamos com um quantitativo baixo, com apenas 7 docentes mulheres e 13 docentes homens; e quando analisamos o número de discentes mulheres e homens na engenharia agrônômica os resultados são similares; demonstrando que a representação não é numérica, mas sim, qualitativa. “Representatividade de gênero a partir da presença e atuação de mulheres docentes e cientistas pode servir como estímulo para as estudantes seguirem carreiras acadêmicas”. (VARJÃO, 2020, p.50). Ou seja, por mais que quantitativamente o número de docentes e discentes seja inferior comparado aos de homens, qualitativamente essa representação feminina é muito importante na visão das discentes entrevistadas, como relatam as falas:

“Conheci no curso a professora Regina, a professora Gláucia, a professora Ana Paula. Devo dizer que gosto da professora Regina porque ela é uma professora firme, educada, e nunca a vi tratando melhor esse ou aquele aluno. A professora Gláucia, acho que ela é comunicativa. A professora Ana Paula é uma pessoa mais jovem e tem uma mente que funciona diferente, talvez pela região e sua história de onde veio, sul do país, e ser ligada a uma realidade maior de vivência...” (ENTREVISTADA 11)

“Basicamente todas as mulheres que fizeram parte da minha construção como graduanda, em especial as minhas professoras. ” (ENTREVISTADA 16)

“Tenho admiração pela prof. Paula e Renata” (ENTREVISTADA 25)

Não somente a representação das docentes, como também as engenheiras agrônomas já formadas têm servido como modelo de inspiração para encorajar as discentes no curso, sendo exemplos de representação feminina para as alunas:

“Todas as professoras e ex-alunas do curso de Agronomia que tive a oportunidade de conhecer, me inspiram a continuar pois mostram que é possível conquistar esse lugar.” (ENTREVISTADA 14)

“As mulheres presentes no AGRO, em geral, são mulheres que me inspiram pela força, garra e está em uma área desafiadora.” (ENTREVISTADA 15)

“Hoje tenho admiração por várias mulheres que atuam na área. Algumas docentes, outras discentes já egressas.” (ENTREVISTADA 12)

A representação das mulheres na agronomia não apenas enriquece a perspectiva do campo, mas também contribui para o progresso e a resolução de desafios globais relacionados ao gênero. Promover a visibilidade feminina na agronomia é um caminho longo a ser percorrido, e se faz necessária a união feminina dentro do meio acadêmico, para assim buscar a progressão da mulher. Assim, nota-se que a importância da educação e dos conhecimentos mais aprofundados sobre a discussão de gênero nas carreiras, para assim poder transformar sociedades e trazer mais conhecimentos sobre a igualdade de gênero.

“O desenvolvimento depende da capacidade de mulheres e homens de falar, ir e vir trabalhar e escolher livremente. A promoção da igualdade de gênero não recai exclusivamente sobre as mulheres, e há uma necessidade de entender melhor como conformar uma parceria entre mulheres e homens e como os homens podem abordar as barreiras de igualdade de gênero para, assim, assegurarmos um desenvolvimento sustentável para todos” (UNESCO, p.18-19, 2021)

Dessa forma, debates sobre a equidade de gênero se fazem necessários para que o ambiente de aprendizado se modifique, afim de garantir discussões importantes relacionadas à igualdade de oportunidades e representação em uma área profissional historicamente dominada por homens.

Outra estratégia citada é a criação de redes de apoio e mentorias que promovam a sororidade, pois tem sido fundamental para ajudar as mulheres a avançarem em suas carreiras na agronomia.

Acredito que amaria ver palestras e apresentações de mulheres que trabalham na área de agronomia, e até mesmo pós-graduandas, doutorados. Eventos que unem mulheres do CCAA, professoras, alunas e até coordenadoras da área compartilhando experiências e conhecimento, seria divertido. (ENTREVISTADA 8)

O conhecimento molda os pensamentos, dessa forma, uma estratégia para trazer a força da igualdade de gênero para o curso de Engenharia Agrônômica é a discussão através de pesquisas e diálogos, como as já realizadas com o trabalho de conclusão de curso “Lugar De Mulher É Onde Ela Quiser? Inserção, Formação e Trabalho das Docentes em Ciências Agrárias no Campus do Sertão da Universidade Federal de Sergipe”; desenvolvido por , Ciara de Aguiar Freitas Varjão; o trabalho de conclusão de curso da discente Ranna Botelho Carneiro “Engenheira Agrônoma em Sergipe: Desafios e Estratégias da Inserção e Atuação Profissional no Setor Produtivo”; a pesquisa de PIBIC “Desafios e estratégias da inserção e atuação profissional de Mulheres docentes do Departamento de Engenharia Agrônômica – UFS orientada pela professora Ana Paula Schervinski Villwock; o trabalho de conclusão de curso da discente Maria Eduarda Lisboa Santos “O protagonismo feminino na Engenharia Agrônômica: experiência de mulheres discentes na Universidade Federal de Sergipe”.

“Expansão de discursos de gênero, um exemplo são pesquisas como essas, sua realização já é o primeiro passo, o segundo passo é a valorização disso. Proporcionar as discentes espaços para que discutam sobre gênero, pra que elas possam enxergar essa diferença que é normalizada até mesmo entre as mulheres, para que consigam identificar nas suas vivências quando isso ocorre e que seja questionado e combatido. A união entre as mulheres, cada vez mais impulsionando esse tipo de conversa, pesquisa, eventos e divulgação de todos os resultados obtidos neles. (ENTREVISTADA 16)

A fala da entrevistada enfatiza a importância da expansão dos discursos de gênero e a realização de pesquisas como um primeiro passo fundamental. No entanto, ela destaca que o segundo passo crítico é a valorização desses esforços e a criação de espaços para discussões sobre gênero. A sugestão da entrevistada a seguir sobre a criação de um local de acolhimento no departamento do curso para estudantes que enfrentam desafios ao longo da graduação é muito relevante e alinhada com as melhores práticas em termos de promoção da segurança e bem-estar dos estudantes.

“Eu gostaria que o departamento do curso tivesse um local de acolhimento para as meninas que passam por assédio na graduação, com a certeza de que as providências seriam realmente tomadas. Para que, por exemplo, em uma situação onde o professor assedia a aluna, a mesma pudesse denunciar sem o medo de ser prejudicada pelo professor, ou reprovada na matéria.” (ENTREVISTADA 14).

É essencial que o departamento do curso tenha políticas e procedimentos claros para lidar com casos de assédio, incluindo um processo de denúncia confidencial. Isso deve incluir a garantia de que as estudantes possam denunciar incidentes sem medo de retaliação e com a confiança de que as providências adequadas serão tomadas.

A união das mulheres e o fortalecimento das conversas, pesquisas e eventos relacionados a gênero podem desempenhar um papel fundamental na promoção da igualdade de gênero não apenas no contexto acadêmico, mas também na sociedade em geral. Esses esforços coletivos são essenciais para desafiar as normas de gênero prejudiciais, criar mudanças significativas e criar um mundo mais inclusivo e equitativo. Contudo, em fala da entrevistada 6 ela relata essa falha dentro do curso:

“É muito triste ver que até mesmo mulheres dentro do próprio curso se viram contra as próprias colegas. É importante nos unir contra todos os desafios que encontramos (e eles podem vir de diversas maneiras). Sororidade não é só uma palavra, deveria ser um código geral entre todas as mulheres, sobretudo das agrárias” (ENTREVISTADA 6)

A união entre as mulheres é fundamental para criar um ambiente acadêmico mais inclusivo e equitativo. A sororidade feminina é definida como a união e a aliança entre mulheres baseadas na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum (SOUZA, 2016). Ela promove a ideia de que, juntas, as mulheres podem superar desafios, enfrentar preconceitos e criar um futuro mais igualitário e empoderado. É uma chamada para a solidariedade e o apoio mútuo entre mulheres em todos os campos, incluindo as agrárias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa observou-se que as discentes mulheres do curso de Engenharia Agrônoma da Universidade Federal de Sergipe - campus São Cristóvão em algum momento ao longo da sua graduação enfrentaram desafios no curso, que estão pautados em questões de desigualdade de gênero no âmbito estrutural, na divisão sexual do trabalho e no histórico de masculinização do curso. Estes desafios estão presentes das mais diferentes formas e são naturalizados, em certa intensidade, pela sociedade, passando muitas vezes imperceptíveis pelas mesmas.

Além disso, ao se analisar as declarações obtidas na pesquisa, nota-se que, apesar de todas as dificuldades mencionadas pelas alunas, torna-se evidente a carência de discussões sobre a questão da desigualdade de gênero dentro do departamento e a ausência de um espaço de apoio e acolhimento, onde assuntos relacionados ao assédio e às desigualdades de gênero possam ser abordados e solucionados. Isso seria fundamental para o fortalecimento da rede de apoio entre as mulheres e o departamento, bem como para a promoção ativa da igualdade de gênero na engenharia agrônoma. Assim, à medida que continuam a enfrentar e superar esses desafios, as discentes do curso estão desempenhando um papel significativo na construção de

uma comunidade acadêmica mais justa e equitativa e contribuindo para o fortalecimento da próxima geração de engenheiras agrônomas. De forma que possam iniciar conversas sobre desigualdade de gênero e assédio, organizando palestras, workshops ou grupos de discussão informais para educar seus colegas e professores sobre essas questões.

Ademias, como estratégias, observa-se nas entrevistas a importância da representatividade feminina. A pesquisa revelou que a maioria das discentes acredita que existe representação feminina no curso. No entanto, é importante reconhecer que a representação não se baseia só quantitativamente, mas também qualitativamente, visto que embora o número de docentes no curso seja inferior, o impacto que essas mulheres têm sobre as discentes do curso de engenharia agrônoma é significativo para elas.

Além disso, estratégias como a sororidade, a promoção de debates e pesquisas sobre gênero, bem como a realização de eventos que reúnam mulheres na agronomia, são cruciais para promover a igualdade de gênero e criar um ambiente acadêmico mais inclusivo e equitativo. A sororidade, em particular, desempenha um papel fundamental ao unir mulheres contra os desafios que enfrentam, promovendo a solidariedade e o apoio mútuo. A união das mulheres e o fortalecimento dessas estratégias são essenciais para alcançar um futuro mais igualitário e empoderado.

Por fim salienta-se a importância de pesquisa relacionada a essa temática que contribuam com a valorização e a representação da mulher. Por isso, é imprescindível considerar como trabalhos futuros pesquisas que visem aprofundar a compreensão da sociedade sobre os desafios específicos enfrentados pelas mulheres nesse campo, como desenvolver estratégias de rede de apoio e comunidades inclusivas para mulheres na engenharia agrônoma com o intuito de fortalecer e trazer mais visibilidade da colaboração dessas profissionais, assim como também pesquisas que examinem a importância da representatividade feminina nessa área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Giovana S.; SELL, Léia B.; CASTRO, Amanda M. **Educação e trabalho da mulher no campo e suas invisibilidades**. Revista Sures, Foz do Iguaçu, n. 11, p. 1-10, 2018. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/909>. Acesso em: 28 out. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

BARRETO, Andreia. **A mulher no ensino superior distribuição e representatividade**. Cadernos do GEA, Rio de Janeiro: FLACSO, n. 6, 2014.

BARROSO, C., MELLO, G. A participação da mulher no desenvolvimento científico. **Cadernos de Pesquisa**, n. 15. São Paulo. Fundação Carlos Chagas. 1991. pp.50–56.

BARROSO, Carmem L. M.; MELLO, Guiomar N. de. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. **Cadernos de pesquisa**, Belo Horizonte, n.15, p. 47-77, set., 1975. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1813>. Acesso em: 04 jun. 2023.

BOTELHO CARNEIRO, Ranna; SCHERVINSKI VILLWOCK, Ana Paula; MATTE, Alessandra. Inserção e atuação profissional das engenheiras agrônomas: desafios e estratégias. **Mundo agrar**, [S.l.], v. 23, n. 53, p. e194, 2022. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1515-59942022000200194&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 21 mar. 2023.

BRUMER, A.; PAULILO, M. I. As agriculturas do sul do Brasil. **Revista Estudos Feministas**. vol. 12. n. 01. Florianópolis. Jan./Apr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21697.pdf>. Acesso em 24 de set. 2015.

CAMPOLIN, Aldalgiza I. **Abordagens qualitativas na pesquisa na agricultura familiar**. EMBRAPA: Corumbá, 2005.

CARNEIRO, Maria José. Mulheres no campo: notas sobre sua participação política e a condição social de gênero. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, jun., 1994, p. 11-22.

CARNEIRO, Ranna Botelho. **ENGENHEIRA AGRÔNOMA EM SERGIPE**: desafios e estratégias da inserção e atuação profissional no setor produtivo. Orientador: Ana Paula Schervinski Villwock. 2021. 95 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade Federal de Sergipe - UFS, São Cristóvão, 2021.

CHIES, Paula V. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 2, mai-ago., 2010. p. 507-528.

CIELO, Ivanete D.; WENNINGKAMP, Keila R.; SCHMIDT, Carla M. A participação feminina no agronegócio: O caso da COOPAVEL – Cooperativa Agroindustrial de Cascavel. **Revista Capital Científico**, Paraná, v. 12, n. 1, 2014, p. 1-18.

CONFEA. **A CCEAGRO PREOCUPADA COM A QUALIDADE DO ENSINO DO GRUPO AGRONOMIA NO BRASIL**. Maceió - Al: Confea, 2018. 5 p. Disponível em: https://www.confea.org.br/sites/default/files/antigos/Relatorio_Reuniao_CCEAGRO_Qualidade_de_Ensino.pdf. Acesso em: 17 mar. 2023.

CORDEIRO, A. (2021). Mulheres no agro: Superando as desigualdades. **Syngenta digital**, Especial, 26 mar. 2021. Recuperado de <https://pordentrodoagro.com.br/mulheres-no-agro-como-superar-as-desigualdades-do-mercado/>

CUNHA, Rocelly; DIMENSTEIN, Magda; DANTAS, Candida. Desigualdades de gênero por área de conhecimento na ciência brasileira: panorama das bolsistas PQ/CNPq. **Saúde em Debate**, v. 45, p. 83-97, 2021.

DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

DIAS, Maria Berenice. **Conversando sobre a mulher e seus direitos**. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2004.

DORNELA, Fernanda J.; MENEZES, Raquel S. S. Mulheres na Cafeicultura do Cerrado Mineiro: desafios e possibilidades. In: ARZABE, Cristina. et al. **Mulheres dos cafés no Brasil**. Brasília: **Embrapa**, 2017. p 93-113. Disponível em: <https://www.embrapa.br/en/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1083999/mulheres-dos-cafes-no-brasil>. Acesso em: 18 mar. 2023.

EDUCATION, Times Higher. World University Rankings. Disponível em: https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/2022#!/page/0/length/25/locations/BRA/sort_by/rank/sort_order/asc/cols/stats. Acesso em: 27 ago. 2022.

FEICHTENBERGER, Eduardo; KITAJIMA, Elliot W.; BOVÉ, Joseph. Victória Rossetti: 1917-2010. 2007. Disponível em: <http://www.fao.org/docrep/012/i0765pt/i0765pt10.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2023.

FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, M. F. S. A inserção das mulheres no mercado de trabalho como uma exigência do capital e a divisão sexual do trabalho. **Revista Extraprensa**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 90-101, 2015. DOI: 10.11606/extraprensa2015.107635. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/epx17-a07>. Acesso em: 21 mar. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.2, mar-abr., 1995, p. 57-63.

GUEDES, Moema de Castro. **A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino.** História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 15, p. 117-132, 2008.

GUIRALDELLI, Reginaldo. Presença feminina no Mundo do Trabalho: História e Atualidade. **Revista de Estudos do Trabalho.** Ano I – Número I – 2007. Disponível em http://www.estudosdotrabalho.org/Guiraldelli_RET01.pdf. Acesso em 13 de julho de 2015.

HARTMANN, Priscilla dos Santos. **A presença da mulher no exercício profissional da engenharia agrônoma: uma análise na região das Missões do RS.** Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado) – Curso de agronomia, Campus Cerro Largo, Universidade Federal da Fronteira Sul, 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -. Censo educação superior 2021 . Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 17 mar. 2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -. Censo 2012. Disponível em: https://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2012/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2012.pdf Acesso em: 17 mar. 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Apresentação do Censo da Educação Superior 2021.. Brasília: INEP, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2021/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2021.pdf Acesso em: 14 set. 2023

LEONE, T. Eugenia; KREIN, D. José; TEIXEIRA, Marilane. (Org.). **Mundo do trabalho das mulheres: ampliar direitos e promover a igualdade.** São Paulo: Secretaria de Políticas do Trabalho e Autonomia Econômica das Mulheres. Campinas: Unicamp. IE. Cesit, jun. 2017.

LOPES, Conceição. Mulheres pioneiras, mulheres de renome: As Engenheiras Agrônomas Pernambucanas da primeira metade do século XX (Década de 40). **Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agrônoma**, v. 4, p. 65-82, 2007.

MASTROGIACOMO, S.; FERRERIA, A. Engenheiras agrônomas avançam em posições de destaque. JORNAL DO ENGENHEIRO AGRÔNOMO. 2022. Disponível em: https://aeasp.org.br/wp-content/uploads/2019/12/JEA_ED_324_marc%CC%A7o_abril__BAIXA.pdf Acesso em: 27 agosto 2023.

MESQUITA, Rodrigo Salera. **Relações de gênero e divisão sexual do trabalho na engenharia: interlocuções com o programa ciência sem fronteiras.** 2017. 97 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

OIT. Organização Internacional do Trabalho. **Perspectivas sociais e de emprego no mundo – tendências para mulheres** 2017. Brasília, 14 jun. 2017. Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_558360/lang--pt/index.htm. Acesso em: 06 out. 2022.

OLIVEIRA, ANA MARCIA VIEIRA LEÃO CABRAL; DOS SANTOS, Nivaldo. PROTAGONISMO FEMININO NO AGRONEGÓCIO: MECANISMOS DE INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO. **Revista Brasileira de Direitos e Garantias Fundamentais**, v. 8, n. 2, 2023.

PAINEL UFS n.1[S.d.] **ACADÊMICO SÍNTESE DO RENDIMENTO NOS CURSOS PRESENCIAIS PARTIR DE 2000**. Publicado em abril de 2014. Disponível em: https://indicadores.ufs.br/uploads/page_attach/path/1278/Painel_UFS_n.1.pdf. Acesso em: 17 de setembro de 2023.

PEREIRA, A. C. F., & FAVARO, N. A. L. G. (2017). História da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência. **IV Seminário Internacional de Representações sociais, Subjetividade e Educação**.

QUEIROZ, D. O acesso ao ensino superior: gênero e raça. **Caderno CRH** 34:175–197. 2001.

RESENDE, Akta Silva Oliveira et al. MULHERES E SUA ATUAÇÃO NO CAMPO DO DIREITO: DESCONSTRUINDO O MACHISMO ENRAIZADO NO PATRIARCADO BRASILEIRO. In: **Anais Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar** (ISSN-2527-2500) & Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SANTOS, Vanda M. dos. **Autoconceito, gênero e trabalho: mulheres em profissões masculinas**. 2014. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2014.

SANTOS, M. C.; SERRA DE SANTANA COSTA, B. S.; ALMEIDA REZENDE, V.; LIMA DE OLIVEIRA NEPOMUCENO, A. . O PROTAGONISMO FEMININO E AS EXPERIÊNCIAS DE DOCENTES DAS CIÊNCIAS NATURAIS NA UFS. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 10, n. 2 e 3, 2022. DOI: 10.9771/rf.v10i2 e 3.43352. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/43352>. Acesso em: 13 abr. 2023.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo - mudou a ciência?**. Bauru: Edusc, 2001.

SCHNEIDER, Sérgio; SILVA, Carolina Castilho. Gênero, Trabalho Rural e Pluriatividade. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 183-207.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1991. 30 p.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Revista Educação e Realidade, v.15, n.2, jul-dez., 1995, p 71-99.

SHINOHARA, N. K. S. et al. A Mãe da Acerola (*Malpighia glabra* L.) no Brasil. **Revista Eletrônica “Diálogos Acadêmicos”**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 49- 63, 2015.

SOSTER, Maria T. B.. Panorama da inserção da jovem mulher na agronomia e relação com as novas ruralidades: retrato do IFRS-Campus Sertão. **Revista Científica Eletrônica de Agronomia**, Rio Grande do Sul, n.27 p. 77-84. 2015.

SOUZA, Maria Luíza R. S. **Gênero e escolha profissional**. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 2015.

TORRES, Júlia; FRANÇA, Ana Carolina Ferreira; CALBINO, Daniel. Mulheres nas mudas, homens no braçal: a divisão sexual de papéis nas Ciências Agrárias. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

UCHÔAS, Danielle J. L.; GUIMARÃES, Lucelia T. **Mulheres na Engenharia Agrônômica: entre a carreira docente e a carreira nas ciências duras**. In: GUIMARÃES, Lucélia Tavares; CORDEIRO, M. J. J. (Org.). Docência, diversidade e inclusão.

UFOPA – Instituto de Biodiversidade e Florestas – IBEF – Engenharia agrônômica (Agronomia): o curso que alimenta o mundo. Disponível em: http://www.ufopa.edu.br/cfi/download/material-para-sint-ibef-2deg-chamada-1/at_download/file. Acessado em 08/01/2015.

UNESCO. **Gender Equality: How global universities are performing**-Part 2. IESALC: Caribe, 2022. Disponível em < <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381739>>. Acesso em 12 de setembro de 2023

UNESCO. **Igualdade de gênero, patrimônio e criatividade**. Brasília: UNESCO, 2021, 168p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381021> Acesso em 12 de setembro de 2023

VARJAO, Ciaria De Aguiar Freitas. Resistências, dissidências e pertencimentos: mulheres nas ciências agrárias em um campus do semiárido sergipano. **Anais IV DESFAZENDO GÊNERO...** Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/64229>>.

VARJÃO, Ciaria de Aguiar Freitas. **Lugar de mulher é onde ela quiser? Inserção, formação e trabalho das docentes em ciências agrárias no Campus do Sertão da Universidade Federal de Sergipe**. 2020. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão – Se, 2020.

VILLWOCK, Ana Paula S.; GERMANI, Alessandra R. M.; RONCATO, Patrícia E. S. Questões de gênero no mundo rural e na extensão rural brasileira. **Revista Alamedas**, Toledo, v. 4, n. 1, 2016, p. 1-17.

YANNOULAS, Silvia Cristina. **Dossiê: Políticas públicas e relações de gênero no mercado de trabalho**. Brasília: CFEMEA, 2002.

APÊNDICE A – PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO APLICADO AS DISCENTES

- Caracterização das participantes:

1- Idade?

2- Em que período da graduação em Eng. Agrônômica você está?

3- Você se considera? (Branca; Preta; Parda; Amarela; Indígena; Outra)

4- Estado civil? (Solteira; Casada; Viúva; Divorciada)

5- Tem filhos?

6- Área que reside? – (Zona Urbana ou Zona Rural)

- Escolha do curso e perspectivas:

7- A Engenharia Agrônômica sempre foi uma opção de curso?

8- Por que você decidiu cursar engenharia agrônômica?

9- Houve algum fator específico que influenciou sua escolha?

10- Alguém te influenciou na escolha pelo curso de engenharia agrônômica? Se sim, quem e de que forma?

11- Seus familiares se mostraram resistentes a sua decisão de cursar engenharia agrônômica? Se sim, porque que você acha que houve essa resistência?

12- Em algum momento, antes de entrar na universidade, você chegou a se questionar sobre a presença feminina dentro da profissão?

- Perguntas quanto a Graduação e desafios:

13- Qual é a área dentro da Agronomia que mais tem interessa e por quê?

14- Na sua opinião existe alguma diferença nas oportunidades de estágio ou emprego entre homens e mulheres estudantes de engenharia agrônômica? Se sim, de que forma?

15- Você acha que há algum desafio em relação a ser mulher graduanda em engenharia agrônômica?

16- Se você respondeu sim na resposta anterior, cite quais os desafios.

17- Em algum momento ao longo da graduação você se sentiu desrespeitada por parte dos professores, técnicos ou colegas por ser mulher e cursar engenharia agrônômica? Se sim, como lidou com isso.

18- Na sua opinião existe representatividade feminina no curso de engenharia agrônômica na UFS Campus São Cristóvão?

19- Alguma situação ao longo da graduação fez com que você se questionasse entre seguir ou não o curso? Se sim, o que foi e por quê?

20- Qual sugestão você daria para impulsionar a equidade de gênero dentro do curso?

- Perguntas sobre o Mercado de trabalho:

21- Quais são as suas expectativas em relação ao mercado de trabalho após conclusão do curso?

22- Na sua opinião, quais são os maiores desafios que você, como engenheira agrônoma formada, irá enfrentar ao ingressar no mercado de trabalho?

23- Quais são as estratégias que as mulheres podem utilizar para se consolidar no mercado de trabalho como engenheiras agrônomas?

24- Você possui algum exemplo inspirador de uma mulher que trabalha ou trabalhou na área de Agronomia?

25- Existe algo mais que você gostaria de compartilhar sobre sua experiência como estudante de Eng. Agrônômica?